

DAS SALAS DE AULA ÀS AULAS DOS MESTRES SALAS

Classrooms of the classes of rooms masters

José Maria Barreto Siqueira Parrilha Terra
FDV | FASB

*Artigo recebido e aceito
em 25 de outubro de 2014*

RESUMO

Neste artigo pretendemos abordar as escolas de samba a partir de uma perspectiva crítico-educacional, destacando os paralelismos e inferências existentes entre as escolas de samba e as escolas formalmente institucionalizadas. As escolas de samba apresentam um processo de ensino e aprendizagem que difere dos modelos institucionais por diversos aspectos, tais como, caráter de participação voluntária de seus componentes, a preponderância da sensibilidade, do erotismo, do comunitarismo e da arte em lugar do ensino e aprendizagem institucionalizada que se reveste de obrigatoriedade, consumo e exploração racionalismo utilitário em prol do consumo. Neste sentido este estudo explora os aspectos do modelo de educação do samba, tanto por seus aspectos históricos, a partir de Habermas, quanto por seus aspectos institucionais, através do livro “sociedade sem escolas de Ivan Illich.

Palavras-chave: Escolas de Samba. Modernidade. Educação

ABSTRACT

This article aims to address the samba schools from a critical - educational perspective , highlighting the parallels and inferences from entering existing samba schools and schools formally institutionalized . The samba schools have a process of teaching and learning differs from institutional models of several aspects such as character voluntary participation of its components , the preponderance of sensitivity , eroticism , communitarianism and art instead of teaching and learning institutionalized which is of obligation , consumption and exploitation towards rationalism utility consumption . In this sense this study explores aspects of the samba model of education , both for its historical aspects , from Habermas, as per their institutional aspects , through the book “ society without schools Ivan Illich .

Keywords: Samba schools. Modernity. Education

INTRODUÇÃO

Não há como entender as escolas de samba de hoje sem antes compreender como ao longo do tempo o samba vem se relacionando com os diversos sujeitos com os quais se comunica tanto em sua estrutura interna quando com a sociedade que o cerca. Portanto iniciamos nosso estudo a respeito das escolas de samba existentes cidade do Rio de Janeiro por meio de uma abordagem histórica. Não temos a pretensão de exaurir todos os fatos históricos que envolvem o samba, tanto pela grande complexidade que envolve o tema, como por não ser o objetivo maior deste estudo, pretendemos apenas oferecer os elementos necessários para uma reflexão crítica.

Vale ressaltar que para compreender os acontecimentos pretéritos que envolvem as escolas de samba deve-se romper com a idéia de história como um processo linear, onde por meio de etapas que se sucedem alcança-se um desenvolvimento que chamamos de presente, e que é visto como uma constante superação do passado. Neste sentido nos filiamos às críticas de Habermasianas a respeito da história, quando mostra ser necessário substituir a idéia de uma filosofia da história, por uma idéia de evolução social, onde se entende a história como sendo algo aparatado de um sujeito anterior. Nega, portanto, que a história de um sujeito possa ser a geradora de um mesmo sujeito. Para o autor germânico, através dos processos de comunicação os sujeitos se auto produzem no processo histórico, condicionados pela capacidade de comunicação entre os indivíduos, que internalizam os processos sociais nos quais estão envolvidos (ARAUJO, 1996).

Assim propomos que seja compreendida a história das escolas de samba como um processo de comunicação entre os indivíduos que se relacionavam no âmbito interno das escolas de samba, assim como seja compreendido o processo de comunicação entre as escolas de samba e sociedade na qual está inserida. Isso posto, não há como entender as escolas de samba da atualidade como sendo um produto progressivo e linear dos fatos que se sucederam nas escolas de samba do passado.

A HISTÓRIA COMUNICATIVA DAS ESCOLAS DE SAMBA

Muito se discute a respeito de quando e em que circunstâncias teriam surgidas as primeiras escolas de samba. Podemos começar fazendo a cisão entre samba e carnaval que não eram em seus primórdios fenômenos diretamente correlacionados. No início do século XX passava a então capital federal por diversas reformas tanto urbanísticas quanto comportamentais. A principal característica desta urbanização acontece pela expulsão das populações pobres do centro urbano do Rio de Janeiro. Junto com estas populações são expulsas e reprimidas as brincadeiras populares, tais como o “entrudo” que consistia em arremessos mútuos de bolas de água e farinha, e

o “Zé-pereira”, prática onde as populações portuguesas do centro da cidade tocavam tambores em grande algazarra.

Contudo a repressão a festejos populares não significava que o poder público reprimia o carnaval. O carnaval oficial acontecia com apoio da prefeitura, nas formas de *corsos*, *grande sociedades* e *ranchos*. Na descrição de Myrian Sepúlveda dos Santos:

O curso consistia num desfile de automóveis ao longo da avenida Central, onde famílias abastardas, que possuíam carros ou podiam alugá-los, desfilavam fantasias, divertindo-se e consolidando seu prestígio social. As grandes sociedades eram os maiores focos de atenção. Em grandes carros alegóricos, intelectuais, atrizes e mulheres da noite brincavam o carnaval. No período pré-republicano, essas sociedades foram centros ativos de denúncia da escravidão e do autoritarismo da monarquia, mas, nos anos 20 estavam politicamente esvaziadas. Os ranchos por sua vez vinham no chão, sem carros alegóricos, mas com muito luxo nas fantasias de seus componentes, vestidos como reis e rainhas. Lembravam as procissões religiosas nordestinas. Seus componentes eram quase todos negros de procedência baiana que mantinham entre si fortes laços de solidariedade e representavam uma camada social em ascensão².

Paralelo ao carnaval oficial acima descrito se encontra o samba. Este sim com uma história controvertida por suas diversas versões. Para este estudo adotaremos a versão de que o samba chega a cidade do Rio de Janeiro no período pós abolição pelas mãos, ou melhor, pelas vozes e por todo o corpo dos negros oriundos da Bahia. O primeiro abrigo do samba teria sido a praça XI, conhecida á época como “pequena África”. Na casa de tia Ciata após as rodas de candomblé aconteciam às rodas de samba, de forma que não se tem como dissociar o samba da matriz africana em sua origem. (GONÇALVES, 2009).

Inobstante a repressão estatal em relação ao carnaval não oficial, esta não foi capaz de conter a rebeldia e irreverência dos primeiros sambistas. Na praça XI e seus arredores malandros e valentes se reuniam em agrupamentos populares conhecidos como cordões e blocos que se espalhavam pelas ruas. Aqueles que compunham estes blocos desafiavam a ordem pública e a polícia, e por este motivo gozavam de grande prestígio junto à população marginalizada dos morros e favelas onde moravam (SANTOS, 2006).

Desde a sua origem o samba ultrapassava as fronteiras da música. Um bom sambista tinha de ser mostrar não apenas como um bom músico, mas também deveria ser valente, bom nas palavras e ágil nas pernas. Desde a sua origem, além de se desenvolver em seus em um ambiente de competências e habilidades multidisciplinares, possuía o samba um caráter comunitário, pois, não acontecia de forma individualizada, toda sua elaboração e festejo apenas era improvisada por todos que o formavam (SANTOS, 2006).

Ainda na década de 20 do século XX o samba começa a deixar os fundos de quintal e seu caráter marginal, isso se dá com os primeiros concursos da chamada “apresentação do samba”, ganhando assim as ruas e a participação de outros setores da sociedade. Importante as palavras de Myrian dos Santos (2006), a respeito do motivo pelo qual o samba passa do espaço privado para o espaço público.

“Esse samba começou a sair às ruas em blocos de carnaval e atraiu a atenção geral não apenas porque inverteu valores, mas também porque trouxe para as ruas exuberância, valentia e sensualidade, experiências e sentimentos que não faziam parte do cotidiano do resto da sociedade” (SANTOS, 2006, p. 125).

Neste contexto, os blocos começaram a se organizar em forma de agremiações de samba. “Deixa Falar” foi o nome da primeira escola de samba do Brasil, criada na década de 1920 no bairro do Estácio na cidade do Rio de Janeiro. Interessante observar o nome “Escola de Samba” teve por inspiração o fato de existir próximo ao local onde ocorriam os ensaios da “Deixa Falar” uma Escola Normal, que, portanto formava professoras para o ensino fundamental. (GONÇALVES, 2009)

Na década de 1930, os concursos de samba passam a ser patrocinados por jornais, e assim surge há necessidade de se institucionalizar as escolas de samba, distinguindo o que seriam escolas de samba e o que seriam os blocos. Estes concursos estimularam a criação de novas Escolas de Samba, como a Mangueira em 1928, a Unidos da Tijuca em 1931 e Portela em 1935.

Neste contexto os concursos proporcionavam ao samba, até então marginalizado uma interação comunicativa com sociedade rica da capital federal. Esta interação era desejada e perseguida pelos sambistas, tanto que para Cartola, um dos fundadores da Mangueira, como para os demais componentes de outras escolas, era necessário que os jurados dos concursos fossem pessoas de fora do mundo do samba, sendo no dizer dos sambistas um “jurado de alto nível”, geralmente eram artistas plásticos, músicos e maestros. Defende Myrian Sepúlveda “Só é possível entender as escolas de samba a partir dessa costura entre o mundo do samba, majoritariamente negro e pobre em sua origem, e o outro mundo dos ‘brancos” (SANTOS, 2006, p. 125).

Na mesma época em que o samba busca sua interação com a “sociedade rica” o Brasil busca construir sua identidade e sua interação com a sociedade pobre. A construção da identidade nacional do governo Getúlio Vargas se dá no contexto de se derrubar a historiografia das elites oligárquicas do país. Essa redescoberta do Brasil acontece no âmbito acadêmico com as publicações de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr. e Roberto Simonsen. As obras desses autores dão as classes sociais mais pobres e aos negros um novo papel na historiografia pátria, pois pas-

sam a ser valorizados na formação da sociedade brasileira. Assim, o samba é escolhido como gênero musical nacional e o carnaval como a grande festa nacional. Desta forma os laços entre as escolas de samba e o governo se desenvolveram de forma clientelista, onde votos e samba se misturam (SANTOS, 2006).

A partir do final dos anos 50 os desfiles das escolas de samba passaram da praça XI para a Avenida Rio Branco, pois se iniciava nas escolas de samba uma nova estética onde “artistas plásticos de fora do samba revolucionaram a apresentação dos desfiles com novos temas, técnicas e estéticas” (SANTOS, 2006).¹

As escolas de samba vêm desde a década de 30 desenvolvendo relações de costura e ligação entre os poderes estatais e contextos sociais muito próximos de setores marginais da sociedade. A mais emblemática destas relações é com certeza a estabelecida a partir da década de 1970, quando os banqueiros do jogo do bicho passam a patrocinar as escolas de samba e a “adotar” suas populações, realizando muitas vezes junto à comunidade das escolas de samba, trabalhos sociais de competência estatal. Desta forma os laços entre contravenção, samba e política se tornaram cada mais estreitos e harmônicos.

No ano de 1984 na gestão do então governador do Estado de Rio de Janeiro Leonel Brizola, é construído o “Sambódromo” na Avenida Marques de Sapucaí, aonde até os dias de hoje vem se realizando os desfiles das escolas de samba.

O SAMBA COMO FATO SOCIAL

Ao longo de toda sua história o samba desenvolveu uma série de relações que se fez impor como um fato social total. Pois ele ultrapassa os limites de simples gênero musical, por meio das escolas de samba há todo um intercambio de pessoas, coisas e conhecimentos. Para a realização de um desfile circulam muito mais que musica e bens, circulam sentimentos e conhecimentos diversos. Nos conhecimentos de artes plásticas podemos destacar os carros alegóricos e as fantasias, há ainda a musica, a dança, conhecimentos de história e cultura geral transmitidos pelo enredo. Muito mais que um tema, o enredo de uma Escola de samba é “ao mesmo tempo aquilo que permite a troca, aquilo que se troca e sobre tudo, o vetor de uma troca mais ampla: aquilo por meio do qual os valores se trocam. Sem enredo não há desfile” (GONÇALVES, 2009).

Em virtude de sua capacidade de ligar pessoas, por meio de uma rede social densa e complexa a antropóloga Alba Zaluar defende que o

¹ A Escola de Samba “Acadêmicos do Salgueiro” em 1959 apresentou o enredo “Jean-Baptist Debret”, abrindo caminhos para que fossem explorados novos temas nos desfiles.

estudo da história do samba é um dos elementos que pode ajudar a auxiliar entender o que ela chama de “*ethos* civilizado numa população afastada das instituições e desrespeitada pelo sistema de justiça do país” (ZALUAR, 1998). No mesmo sentido de Zaluar, Maria Alice Gonçalves defende que o samba por circular nos bairros e favelas, cria associações ao desenvolver desfiles, e com isso vem ao longo de sua existência desenvolvendo um espaço público onde são resolvidas desavenças. Assim, segundo Gonçalves, “O samba exerce seu poder de interiorização de um *ethos* civilizado de matriz africana entre seus amantes” (GONÇALVES, 2003).

Cabe ressaltar que mesmo tendo o samba propagado um *ethos* de matriz africana, sua expressão institucionalizada nas escolas de samba não é algo especificamente negro, para Costa Pinto o que há de negro nas escolas de samba é que seus integrantes são majoritariamente pobres. Assim ensina Costa Pinto que “como divertimento de pobre é que as escolas de samba são no mais autêntico e peculiar significado brasileiro da expressão, divertimento de negro” (COSTA PINTO, 1998).

Adverte Gonçalves que as escolas de samba de hoje não tem a mesma estrutura das primeiras escolas, pois estas também se modernizaram, e na comunicação com o mercado incorporou, e desenvolveu relações de trabalho mais complexas e especializadas. As escolas de samba hoje possuem diversas diretorias, tais como a de harmonia, a das baianas, a das escolas mirins, entre outras, que além de serem responsáveis pelo trabalho desenvolvido em suas áreas, tem como função defender os interesses de suas diretorias.

As escolas de samba por meio de sua divisão em alas se mantêm articulada durante todo o ano, no intuito de preparar o carnaval vindouro. Além dessas articulações internas nas escolas de samba, são criadas também associações com outras escolas, desenvolvendo trabalhos conjuntos e resolvendo conflitos que possam existir entres as escolas.

Um aspecto importante das redes sociais que existem em torno das escolas de samba, consiste em seu papel pacificador, presente nas narrativas existentes desde a fundação das escolas. Dona Neuma narra a respeito do sentido pacificador das escolas de samba:

Meu pai, Saturnino Gonçalves, foi o fundador e o pacificador do samba. Porque no samba existia muita briga, muita polêmica. O Estácio era lugar de malandro, e a favela era lugar de marginal e vagabundo, gente que não prestava. Papai vivia no meio deles e foi o pacificador (GONÇALVES, 2009, p. 132).

Um aspecto observado por Gonçalves que merece ser destaque, é que durante a escravidão no Brasil os negros recriaram as instituições familiares, não tendo por base as em relações consanguíneas, mas afetivas: “filhos, primos, pais e mães unidos pelo afeto e não pelo sangue” (GONÇALVES, 2009).

Esta família afetiva e não consanguínea recriada pelos escravos foi herdada através do *ethos* civilizatório de matriz africana e internalizada por meio das escolas de samba. Assim as redes sociais de partinha acontecem primeiramente na esfera familiar, onde prepondera o papel feminino. Em oposição ao ambiente doméstico o ambiente público do samba é território de domínio masculino. Portanto desde a origem das rodas de samba até os dias atuais prepondera o papel das chamadas “tias” e “donas” nas escolas de samba, são conhecidas como boas cozinheiras. Ao servirem refeições coletivas, feijoadas, angus a baiana, peixadas entre outros pratos por ocasião das rodas de samba, logram êxito em proporcionar um ambiente acolhedor, alegre e familiar, onde as desavenças masculinas desenvolvidas na “rua” podem ser pacificadas por relações de afeto e cuidado “em casa” entre os que fazem o samba. Mesmo tendo surgido no fundo dos quintais e crescido a proporção dos milhares, até hoje cada uma das escolas de samba do rio de janeiro, promovem em suas quadras feijoadas e refeições onde seus participantes alimentam não apenas corpo, mas sobre tudo sua afetividade, compondo relações de conflitos e desenvolvendo a paz.

Assim, as escolas de samba podem ser tidas como “fatos sociais completos”. Pois desenvolvem em suas redes sociais: ensinamentos dos mais variados tipos de conhecimento, intensa circulação de mercadorias, bens e pessoas, trabalhos de assistência social, além proporcionar um espaço de composição de conflitos, que se afasta da ótica masculina de dominação e hierarquia, e se aproxima da lógica da afetividade feminina, permeada pela ideia de cuidado e sensibilidade.²

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO TRABALHO DE CAMPO

Antes continuarmos nosso estudo cabe algumas considerações a respeito do trabalho de campo realizado para feitura deste artigo. Ele consistiu de entrevistas pontuais a alguns membros do “Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro”, além da participação do pesquisador em alguns ensaios da escola e no desfile de carnaval realizado na Avenida Marques de Sapucaí no ano de 2011. Foram feitas entrevistas

² Em sua obra “Filosofia do Direito: dos gregos ao pós-modernismo” Wayne Morrison apresenta no penúltimo capítulo a chamada filosofia do Direito feminista, em que mostra que o mundo do Direito vem ao longo da história sendo dominada pela influência androcêntrica, em que prevalece a ideia de um judiciário hierarquizado e piramidal, em que quanto maior elevado for o fórum de justiça mais legítimo é este fórum. Além disso, demonstra ainda o auto que a lógica masculina está pautada em uma ideia de punição e paz social, em que punir é única forma de compor e evitar conflitos. Contrariamente demonstra Morrison que na perspectiva feminista, prepondera ideia de rede em que aquele que mais se aproxima do centro do conflito por ter mais contato com a realidade da lide e mais envolvimento sentimental é o mais apto e legítimo a dirimir esta lide. Outra diferença apresentada por Morrison, é que a ótica feminina do Direito não entende que a justiça não pode ser indiscriminada, punidos e tratando a todos como iguais, mas que deve antes ser permeada pela lógica do cuidado em que cada indivíduo é considerado em suas particularidades e sensibilidades.

com os componentes: Patrícia do Nascimento, uma advogada, cuja família está na escola a três gerações, com 30 anos de idade Patrícia já participou de diversas alas, desde a ala das passistas no passado até a atualidade em que desfila como destaque de carro alegórico. Leandro Monteiro, Biólogo, com 32 anos de idade, desenvolve trabalhos como membro da comissão de frente de outras escolas, mas se confessa salgueirense, e é diretor de composição da Acadêmicos do Salgueiro, é membro do salgueiro a 14 anos. Seu Chiquinho, embora não tenha dito sua idade está na faixa etária dos 50 anos, é morador do morro do salgueiro, e membro “desde sempre” da escola de samba. As entrevistas não tiveram a intenção de investigar as histórias da escola, mas sim de colher a impressão dos entrevistados a respeito do processo de aprendizagem e educação que se desenvolve na escola. No que tange ao trabalho de observação participante por parte do pesquisador, este pretendeu conhecer as impressões emocionais que envolvem os participantes da escola de samba, tanto na quadra da escola, por ser de maior intimidade, como no do desfile na Marques de Sapucaí, por ser este último espaço o de maior tensão e emoção.

A ESCOLA DE SAMBA NA SOCIEDADE SEM ESCOLAS

Nesta parte de nosso trabalho, as escolas de samba serão analisadas sob o prisma teórico de exposto no livro intitulado “Sociedade sem escolas” de autoria de Ivan Illich, Nesta obra o autor austríaco lança um olhar crítico sobre as escolas institucionalizadas, analisando seu funcionamento, seus objetivos e seus métodos. A partir desta abordagem de Illich pretendemos traçar paralelos críticos entre as escolas institucionalizadas e as escolas de samba.

Ainda na parte introdutória de seu livro Illich diz que após suas discussões com Everett Reimer passa a questionar a obrigatoriedade da escola para todo o povo, e conclui que “a maioria dos homens tem seu direito de aprender cortado pela obrigação de frequentar a escola” (ILLICH, 1985). Já nesta primeira colocação cabe um paralelo inicial com as escolas de samba. Nas escolas de samba os seus componentes não têm sua participação imposta, os laços com a escola de samba não são oriundos de obrigações institucionais e legais. Conforme foi explicitado anteriormente às escolas de samba tem em sua origem um aspecto de relações afetivas voluntárias. Estas relações mesmo que transformadas, perduram até os dias de hoje.

Defende Illich (1985), não ser possível uma educação universal por meio da escola, desta forma defende o autor:

A atual procura de novas saídas educacionais deve virar procura de seu inverso institucional: a teia educacional que aumenta a oportunidade de cada um de transformar todo instante de sua vida num instante de aprendizado, de participação, de cuidado. (ILLICH, 1985, p. 14).

Esta citação de Illich (1985), merece considerações específicas. A primeira consideração diz respeito de a educação estar considerada como um processo de transformação e aprendizado. Quando perguntei em entrevista a Patrícia a respeito de como ela aprendia e o que ela aprendia na escola de samba, ela me respondeu que o que ela aprende na escola de samba, ela aprende não por que sabe o conhecimento transmitido, mas por que sente o que é transmitido, e aquilo que ela sente no samba, não é algo que ela pode esquecer, não é algo que ela pode escolher ou não utilizar, mas, como é sentido, é internalizado, então este conhecimento passava a fazer parte dela. Desta forma, podemos dizer que o conhecimento recebido na escola de samba ao fazer parte dos sentimentos, transformava aquele em contato com ele, ou seja, na escola de samba se vive uma aprendizagem transformadora por meio dos sentimentos.

Como cada pessoa é um ser único sua transformação sentimental é única e indivisível, assim a experiência sensitiva de cada um no samba é algo que não se pode reproduzir em outras pessoas. Portanto não se pode avaliar a aprendizagem de um membro da escola de samba, Por isso desde a sua origem o samba é algo coletivo, e até hoje sua avaliação é coletiva. Não se avalia este ou aquele sambista, mas toda a escola, ainda que em quesitos individualizados.

O segundo ponto que merece ser observado é o que diz respeito à questão da participação levantada por Ivan Illich. Nas escolas de samba, podemos considerar seu desfile como um “trabalho de conclusão de curso” em que a escola defende sua tese diante dos que assistem o desfile e diante daqueles que julgam. Se o desfile é o “trabalho de conclusão de curso” então o enredo é a “linha de pesquisa”, como foi dito acima “O enredo de uma escola de samba, é o meio pelo qual valores se trocam. Sem enredo não há desfile”. “Defender um samba”, e este é termo utilizado pelos membros da escola quando falam do desfile, pois dizem que vão defender o samba da escola. Para esta defesa é necessário um trabalho participativo e coletivo de pessoas e conhecimentos diversos. Este trabalho se dá na confecção das fantasias, na construção dos carros alegóricos, na administração da escola e até mesmo o momento do desfile em que cada componente da ala se preocupa em orientar o colega, para que seja realizado o melhor desfile possível. Nos termos dos membros da escola, é necessário “se doar” para escola. Lembro-me que durante o desfile uma senhora já antiga na escola, estava próxima de mim no momento do desfile me dizia para não olhar pros jurados quando passasse em frente a eles, porque aquilo não seria bom para escola, e este apenas um dos diversos exemplos de participação que experimentei na minha breve passagem pela escola de samba.

O terceiro ponto precisa ser abordado no contexto das escolas de samba, diz respeito ao “cuidado”. Como vimos anteriormente, é o por meio da ação das “tias” e “donas”, presentes desde a sua origem nas escolas de

samba, que se estabelecem as relações de afetividade. Essa afetividade é proporcionada pelos encontros, geralmente em função de refeições, nos espaços domésticos. Assim pela ética do cuidado feminista se pacifica no espaço doméstico os conflitos oriundos do espaço público, dominado pela ética do agir masculino.

Illich propõe que sejam estabelecidos critérios para que em uma sociedade desescolarizada, se tenha meios de escolher que instituições mereçam progredir por promover aprendizado em um meio desescolarizado (ILLICH, 1985). Dentre estes critérios Ivan Illich pretende que seja privilegiada a educação que promove como meta pessoal o alcance do lazer ao invés de promover nas palavras do autor “uma economia dominada pelas indústrias dos serviços”. Pode-se estabelecer uma perfeita relação do que diz Illich com as escolas de samba, isso por que as escolas de samba, como já dito anteriormente proporcionam desde sua gênese, até os dias atuais uma aprendizagem das mais várias formas de conhecimentos e sensibilidades, sem contudo estar em um ambiente em que prepondera o caráter obrigatório e institucionalizado da educação.

No que tange ao desenvolvimento do lúdico e do lazer como meta no processo de aprendizagem, pode-se uma inferência evidente com as escolas de samba. Uma escola de samba mesmo que demande trabalho, técnica e organização, têm sempre como principal sentido à alegria, e só tem sentido se é alegre, ou se ao menos proporciona lazer a seus integrantes. Sem receio de errar, é permitido afirmar que uma escola de samba educa e ensina pelos sentimentos de alegria e comunidade existentes seu ambiente de lazer. Já a educação institucional promete proporcionar ascensão social e capacidade de consumo aqueles que estejam dispostos a passar pelos seus diversos ritos e testes, desde que provem ser dignos de seus títulos. Para Illich, os primeiros bens que esta escola institucionalizada ensina a se consumir, são os títulos. Para Illich os títulos são absolutamente consumíveis e nada emancipatórios.

Em sua obra Illich (1985), defende que a educação deixar de ser algo que apenas acontece pelas mãos e pelas graças do Estado. Antes pretende que os pobres, por si mesmos, e dentro dos conhecimentos e emoções valorizam possam fazer da sua experiência de vida um ato de constante aprendizagem. Indo mais além o autor denuncia que toda a educação que é promovida sem o apoio do Estado é considerada uma forma de agressão e subversão.

Tendo os argumentos de Illich como lastro, podemos entender que as escolas de samba quando se associaram com os poderes públicos buscavam o direito de existir, de permitir aos membros de sua comunidade a prática de uma educação comunitária, onde sua realidade e cotidiano fosse uma experiência educacional concreta.

Em outro momento de sua obra Illich classifica dois tipos de instituições educadoras. A primeira delas são aquelas de caráter obrigatório, que o aluno deve a frequentar para aprender todo o conteúdo de seu “currículo oculto”. Para Illich, “currículo oculto” é aquele que de fato é ensinado, sem ser explicitado pelas escolas institucionalizadas. O principal conteúdo desse currículo é ensino do consumo. Em um primeiro momento este currículo ensina que o principal objetivo de se adquirir conhecimento e de aceitar o confinamento escolar obrigatório, é o consumo de títulos, e, de que quanto mais títulos forem consumidos a custo de anos de vida escolar, maior será a capacidade de consumo do titulado na sociedade. Desta forma, mesmo que a escola não desenvolva conhecimentos verdadeiramente válidos, sua missão estará cumprida ao formar profissionais consumidores. Ou seja, para Illich o maior objetivo da escola é formar e afirmar uma sociedade de consumo. A este tipo dominante de instituição, Illich dá o nome de instituição manipulativa. Entretanto admite o autor que existe outro tipo de instituição, ainda que precária, ao qual chama de instituições conviviais, e que para Illich, apresentam um modelo de futuro mais promissor e emancipatório.

Para Illich (1985), as instituições conviviais, seriam aquelas de caráter espontâneo, formadoras de redes de cooperação, nas quais seus membros tomam a iniciativa do que, e de como aprender. Como visto anteriormente as escolas de samba são um fato social completo e funcionam como redes voluntárias, em que se realizam as mais variadas trocas e intercâmbios de pessoas, bens, conhecimentos e sensibilidades, sempre sob orientação e através do enredo. Portanto não é temerário realizar uma inferência que associe as escolas de samba ao tipo de instituição convivial descrita e almejada por Illich. Não se pretende com isso afirmar que as escolas de samba são organizações idílicas, imunes a críticas, mas que estas merecem e devem ser observadas com atenção pelos estudiosos da educação.

ESTÉTICA E EMOÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A modernidade embora tenha se caracterizado como a era que pós um fim definitivo no misticismo, e nas formas de conhecimento que não fossem as racionais. Fez a modernidade que a racionalidade instrumental se tornasse seu mito e sua crença. Passou então a modernidade a render homenagens e devoções ao conhecimento científico, desta forma fez da ciência sua religião e da escola formal seu templo.

A igualdade de oportunidades na educação é meta desejável e realizável, mas confundir a obrigatoriedade escolar com igreja. A escola tornou-se a religião universal do proletariado modernizado, e faz promessas férteis de salvação aos pobres da era tecnológica (ILLICH, 1985, p. 25).

A razão instrumental beatificada pela modernidade desfaz de aspectos importantes a respeito da vida cotidiana, pois ao se dissociar da sensibilidade como forma de conhecimento e compreensão do mundo, torna a esta vida cotidiana rude, calculada, técnica, trivial e quase insuportável (BITTAR, 2010). Assim torna-se válida e compreensível a afirmação feita anteriormente por Maria Alice Gonçalves, a de que o samba ganhou espaço na década de 20 do século passado por que “trouxe para as ruas exuberância, valentia e sensualidade, experiências e sentimentos que não faziam parte do cotidiano do resto da sociedade” (SANTOS, 2006, p. 125).

Por reconhecer que arte esta dentro das estruturas de reprodução social, podemos dizer que a arte desenvolvida nas escolas de samba não escapa a esta afirmação. Toda via, entende Bittar que a arte não é uma forma de fuga da realidade.

O escapismo só aparece onde existe a renúncia de problematizar o mundo. Mas a arte não somente problematiza o mundo, como o coloca em suspenso, para por vezes, subvertê-lo por completo, ainda que o faça numa dimensão puramente estética (BITTAR, 2010).

Assim, ao contrário do que entendem alguns, o carnaval e os desfiles das escolas de samba não podem ser considerados escapismos alienados, mas sim formas de contestação e subversão estética da realidade.

O que as escolas de samba fazem em seu desfile é “abrir uma fissura entre o tempo da realidade e o tempo da arte” (BITTAR, 2010) com seus carros alegóricos, suas fantasias, sua musica, o erotismo de sua dança, seu contato com o corpo e com a sensibilidade. Ao proporcionar a felicidade, a escola de samba ensina por sua arte, que é possível um mundo muito além do rude e insensível cotidiano.

Atualmente as escolas de samba vêm sofrendo diversas críticas por estar associada ao Estado e principalmente por desenvolver um trabalho empresarial. Para alguns isso significa o rompimento com o um projeto revolucionário e marginal de sua origem. Entretanto esclarece Bittar que a arte não necessita de um projeto revolucionário para ser revolucionária, uma vez que seu caráter revolucionário reside até mesmo no fato de se romper com um projeto revolucionário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O mundo contemporâneo já sente fragilizada a crença em uma realidade dominada pela racionalidade instrumental. Uma das principais causas desse início de derrocada do absolutismo da racionalidade moderna, esta na distância entre as expectativas e experiências da modernidade”. A modernidade teve como fundamento a promessa de que por meio do do-

mínio da razão instrumental, todos os males seriam abolidos. Por exemplo: fosse o Direito baseado pura e simplesmente na razão, os males sociais seriam superados. Esta era a expectativa, entretanto no século XX vimos sob o império da racionalidade jurídica, as bestialidades de duas grandes guerras. A racionalidade prometeu também que se sob a égide da moderna agricultura desaparecida a fome, nunca em sua história a humanidade teve tantos famintos, a promessa de comida era a expectativa à fome é a experiência.

No que tange a educação, a modernidade prometeu, que se a educação institucional fosse oferecida de forma padronizada e obrigatória ao maior número de pessoas possíveis a humanidade seria mais educada, mais culta e emancipada. Esta foi à expectativa, entretanto a experiência foi outra. A educação massificada e obrigatória fez surgir gerações inteiras de consumidores alienados, o que gerou a exploração desenfreada da natureza e dos recursos do planeta, deixando a existência humana à beira do colapso. Uma família de norte americanos “formalmente educados” consomem recursos naturais e contribuem para degradação da vida no planeta diversas vezes mais que uma família de mesmo número pessoas residentes em países subdesenvolvidos.

Toda via que importa aos caçadores de títulos acadêmicos os problemas da coletividade? Importa apenas se teoricamente isso representar a defesa de mais uma tese, a resposta de mais uma questão de prova. Em fim, a coletividade importa apenas se isto representar a superação de mais um rito de passagem a caminho de mais um título de consumo educacional, e se este título significar mais poder de compra na sociedade de consumo.

Consciente desta realidade, Ivan Illich escreve sua obra “Sociedade sem escolas”. A escola é posta como o templo de devoção a racionalidade instrumental. Assim tão antagônica quanto às expectativas e as experiências criadas pela modernidade, é a ideia de que este antagonismo entre expectativas e experiência será solucionando com o conhecimento desenvolvido e ensinado nas escolas.

Por tudo isso, entendemos que a racionalidade insensível e rude, não deve ser superada e posta como algo passado, pois a ideia de um futuro que nada mais é que a superação do passado, também é fruto da racionalidade moderna. Entendemos, portanto, que a racionalidade insensível deve ser transformada, e sobre tudo, deve ser sensibilizada.

O processo de transformação dessa racionalidade instrumental perpassa primeiramente pela transformação de seu modelo de reprodução, ou seja, pela transformação do modelo de educação que a perpetua. Assim, conhecer outros modelos de educação é um dos mais valiosos recursos de desescolarização, para usarmos os termos Illich.

Com intuito de contribuir para a transformação das escolas formais, este estudo abordou alguns aspectos das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro. A primeira conclusão que podemos apontar e talvez a mais im-

portante, é a que se conhece muito pouco sobre as possibilidades de contribuição que o mundo do samba pode oferecer. A uma, porque neste mundo do samba residem algumas das chaves do enigma de como o uma população marginalizada, negra ou parafraseando Gilberto Gil, quase negra de tão pobre manteve entre os seus um *ethos*, civilizatório de matriz africana. A duas, porque se sabemos pouco sobre os motivos e os meios utilizados para a fixação da matriz civilizatória africana, menos ainda sabemos sobre os postulados civilizatórios desta matriz.

Por fim, entendemos que a escola formal tem muito que apreender com as escolas de samba. Uma vez que as escolas de samba se valem de um modelo de ensino e aprendizagem sensível e artístico, onde prepondera a emoção daqueles que voluntariamente a compõe. Os membros das escolas de samba, através de práticas, saberes de pouca ou nenhuma valia para o mundo do consumo, adquirem conhecimentos de imensurável valor para a transformação do seu ser mundo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. B. **Religião e modernidade em Habermas**. São Paulo: Loyola, 1996.
- BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **Curso de Filosofia do Direito**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GONÇALVES, M. A. R. O samba é o dom: notas sobre o samba como fato social total e educação escolar. In: SISS, Ahyas, e MONTEIRO, Aloísio Jorge de Jesus (orgs), **Educação, cultura e relações interéticas**. Rio de Janeiro: Quartet: EDUR, 2009.
- ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**: trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 1985.
- MORRISON, Wayne, **Filosofia do Direito: dos gregos ao pós-modernismo**: Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Sociologia jurídica crítica**: para um nuevo sentido común en el derecho. ILSA, Bogotá, 2009.
- SANTOS, Myrian Sepulveda dos. Mangueira e Império: A carnavalização do poder pelas escolas de samba. In: ZALUAR, A. e ALVITO, M. (Orgs.). **Um século de favela**. 5. ed. Rio de Janeiro: editora FGV. 2006.

